



"Dominika Egorova é a melhor espiã já criada  
em livros do gênero." - *SUNDAY TIMES*

JASON  
MATTHEWS

AUTOR DE *OPERAÇÃO RED SPARROW*

**PALÁCIO  
DA  
TRAIÇÃO**



*Para meu irmão William, com admiração*

## CAPÍTULO 1

DOMINIKA EGOROVA, CAPITÃ DO SERVIÇO russo de operações externas de inteligência (SVR), puxou para baixo a barra do vestido preto, depois seguiu driblando a horda de pedestres que zanzava de lá para cá em meio aos neons vermelhos da caótica Boulevard de Clichy, em Pigalle. Os sapatos, também pretos, batucavam os saltos contra as calçadas parisienses enquanto, de cabeça erguida, ela fazia o possível para não perder de vista o homem grisalho alguns metros à sua frente: uma operação de vigilância solo sobre um alvo em movimento, uma das mais difíceis no repertório das técnicas de rua. Dominika perseguia o sujeito discretamente, ora buscando uma visão paralela na ilha central da avenida, ora usando os pedestres como escudo no lusco-fusco do anoitecer.

A certa altura, o homem parou para comprar um espeto de kebab (geralmente de porco naquela região de católicos). O vendedor usava um pedaço de papelão dobrado para reavivar o fogo do seu braseiro. Uma ou outra centelha escapava na direção dos passantes, e uma nuvem de fumaça perfumava de coentro e pimenta a movimentada esquina. Dominika se escondeu atrás de um poste de luz: era pouco provável que seu alvo tivesse parado ali apenas com o intuito de checar a retaguarda (nos últimos três dias ele havia se revelado bastante descuidado na rua), mas ela queria evitar que ele notasse sua presença antes da hora. Muitos já tinham virado o rosto para olhá-la enquanto ela andava entre a multidão, admirados com as pernas de bailarina, os seios fartos, os olhos azuis cristalinos, alguns farejando o ar em busca de algum sinal de ferocidade ou fraqueza.

Com duas olhadelas certeiras, Dominika estudou a profusão de rostos, mas em nenhum momento sentiu na nuca o calafrio que sinalizava algum perigo em potencial. Seu alvo abocanhou o último pedaço de carne e jogou o espeto na sargeta. Tratava-se de um iraniano, um muçulmano xiita que aparentemente não via nenhum problema em comer carne de porco (ou prostitutas). Ele retomou seu caminho e Dominika foi atrás.

Um rapaz de pele escura e barba malfeita deixou a companhia dos amigos que se recostavam nas vidraças encardidas de uma lanchonete, rapidamente alcançou Dominika e passou o braço sobre os ombros dela.

– *Je bande pour toi* – disse ele no seu francês carregado de sotaque magrebino: *Você me deixou de pau duro.*

Merda. Ela não estava com tempo para esse tipo de coisa. Seu primeiro impulso foi reagir com violência, mas soube se conter. Precisava manter a cabeça fria. Simplesmente se desvencilhou do sujeito, empurrou-o com firmeza e seguiu caminhando.

– *Va voir ailleurs si j'y suis* – falou por sobre o ombro. *Vá ver se eu estou na esquina.*

O rapaz parou onde estava, fez um gesto obsceno e cuspiu na calçada.

Dominika reavistou o iraniano grisalho. Ele estava diante do arco de lâmpadas LED na entrada de uma boate chamada La Diva. Ela se esgueirou até o lugar e esperou até vê-lo sumir completamente do outro lado das pesadas cortinas de veludo vermelho. Na cabeça daquele homem diminuto estava boa parte dos segredos nucleares da República Islâmica do Irã, e era neles que ela estava interessada. Mentalmente, Dominika aguçou os sentidos para enfrentar o que estava por vir: uma emboscada, uma conversa sucinta e dura, uma tentativa de cooptação, de recrutamento. Se tudo corresse bem, em meia hora o sujeito estaria do seu lado.

Naquela noite ela estava usando os cabelos soltos e uma mecha de franja para cobrir um dos olhos à maneira das vedetes da década de 1920. Levava no rosto um par de óculos de leitura com lentes quadradas e armação de tartaruga que lhe conferia a aparência de uma Lois Lane perdida em Pigalle. Poderia ser tomada por uma secretária executiva, não fosse pelo decote revelador do vestido colado ao corpo e pelos sapatos Louboutin de saltos muito altos. Tinha as pernas torneadas, embora mancasse ligeiramente em razão de um incidente ocorrido aos 20 anos de idade, quando tivera o pé direito praticamente destruído por uma artimanha arquitetada por uma rival na academia de balé.



Paris. Ela não havia respirado o ar do Ocidente desde que voltara para Moscou meses antes, após ser oferecida em troca de outro agente numa operação realizada em uma ponte na fronteira com a Estônia. As imagens daquela noite já começavam a sumir nas brumas da sua memória, junto com os ruídos sinistros do rio Narva. Tão logo pisara em solo russo, ela encheria os pulmões daquele ar que conhecia tão bem, o ar da sua *Rodina*, da sua gloriosa pátria-mãe, deliciando-se com o perfume dos pinheiros e da terra molhada, embora esse perfume não apagasse por completo o cheiro amargo da corrupção, o rato morto que empestava os corredores da máquina governamental. Fora recebida com festa, claro, com muitos abraços, votos de sucesso e longos discursos de

parabéns por parte dos seus superiores de patente. Apresentara-se imediatamente à sede do SVR, também conhecida como “central”, mas bastara ver-se novamente na companhia dos colegas de serviço, daquele círculo fechado de ungidos, daquele rebanho de *siloviki*, para que seu ânimo desinflasse significativamente. “Você estava esperando o quê?”, perguntara a si mesma.

As coisas agora eram muito diferentes. Perigosamente diferentes. Deliciosamente diferentes. Ela havia sido recrutada por um operador da CIA, por quem se apaixonara. Depois fora interrogada, treinada e instruída a voltar a Moscou como espiã infiltrada na central. Ainda estava aprendendo a esperar, a ouvir, a se fazer passar por mais uma daquelas criaturas absolutamente cordatas que dividiam com ela a atmosfera pestilenta do serviço. Portanto, havia recusado as inúmeras posições meramente burocráticas que tinham lhe oferecido, preferindo esperar qualquer coisa que lhe proporcionasse o tipo de acesso que a CIA realmente queria. Fingindo interesse por todo o processo, pedira para frequentar um curso relativamente curto de psicologia operacional e outro de contrainteligência: talvez fosse útil, no futuro, saber como os caçadores de informantes procediam, ou como agir ao ouvir na escada os passos do seu próprio algoz.

Enquanto esperava, aproveitava a oportunidade para observar a alma daquela gente que a cercava, pois nascera com o dom da sinestesia, uma sensibilidade especial que lhe permitia ver auras coloridas em torno das pessoas e interpretar o significado delas: paixão, medo, falsidade, traição. O dom se manifestara aos 5 anos de idade, para grande espanto de seu pai professor e de sua mãe violinista. Ambos haviam insistido que ela não dissesse nada a ninguém, nem mesmo quando já estivesse mais habituada àquela peculiaridade, quando aprendesse a controlá-la. Aos 20 anos ela se deixara levar pelas ondas acastanhadas da música na academia de balé. Aos 25, medira o apetite sexual de um homem a partir da aura escarlata que vira em torno dele. Agora, era bem possível que sua vida dependesse justamente daquela capacidade de adivinhar as intenções das outras pessoas.

Havia mais uma coisa. Desde o seu recrutamento pelos americanos, vinha tendo visões de sua falecida mãe, uma fantasia benigna que de vez em quando aparecia a seu lado com palavras de apoio e encorajamento. O povo russo era emotivo, espiritualizado, portanto não era nem um pouco anormal que alguém quisesse lembrar dessa maneira os seus parentes mais queridos, desde muito desencarnados. Ao menos Dominika não se preocupava com isso, sobretudo porque o espírito da mãe lhe dava a força de que precisava para iniciar sua vida de espiã, uma mão iluminada que pousava em seu ombro diante da caverna escura, dando-lhe coragem para que ela enfrentasse de uma vez o demônio escondido lá dentro.

Após retornar do Ocidente para a central, ela passou por sabatinas com um homenzinho ensebado da contraespionagem e uma estenógrafa de aparência triste. Ele perguntou sobre o *ubiitsa*, o assassino das tropas de elite (Spetsnaz) que por muito pouco não a matara em Atenas, bem como sobre o período passado sob a custódia dos americanos: como eram os agentes da CIA, o que eles haviam perguntado, o que ela contara a eles. Com os olhos fixos na estenógrafa (cuja aura amarelada denotava falsidade e avareza), ela disse que não contara nada a ninguém. O homem ouviu o que ela tinha a dizer e aparentemente se deu por satisfeito. Mas homens como aquele nunca se davam por satisfeitos, ela pensara na ocasião. Nunca.

Seu passado de aventuras, fugas e contato com os americanos fazia dela uma pessoa suspeita (assim como todos que voltavam de longos períodos de espionagem no Ocidente), e Dominika sabia muito bem que as víboras do FSB, o serviço federal de segurança russo, estavam de olho nela, esperando apenas um passo em falso, algum e-mail ou cartão-postal do Ocidente, algum telefonema codificado a partir de um aparelho público nos subúrbios de Moscou, algum contato com um estrangeiro qualquer. Mas não houve nada disso. Dominika tinha hábitos absolutamente normais. Não havia nada para víbora alguma ver.

Portanto, a certa altura, ela foi despachada para um curso “compulsório” de autodefesa na velha mansão de Domodedovo, na Varchavskaia Ulitsa, não muito longe do rodoanel de Moscou. O casarão bolorento e decrépito, com suas escadas rangentes e seu telhado de cobre esverdeado, escondia-se no centro de um jardim botânico malcuidado, inteiramente cercado por um muro alto. À entrada, uma placa torta informava: INSTITUTO VILAR DE PLANTAS MEDICINAIS. Alguns participantes visivelmente entediados (uma exuberante funcionária da Alfândega e dois oficiais não exatamente jovens da Polícia de Fronteira) fumavam e conversavam nos bancos que margeavam as vidraças da estufa onde eram realizadas as sessões de treinamento.

Daniil, o treinador, tinha cerca de 35 anos e era um sujeito tipicamente russo: porte imperioso, muito alto, esguio e louro, braços fortes, mãos de pianista. As feições eram delicadas: maxilar, maçãs do rosto e testa muito bem-proporcionados, olhos azuis e serenos, cílios tão longos que, quando ele piscava de um lado da estufa, as palmeiras do outro lado tremulavam. Dominika sabia muito bem que não havia nenhum curso compulsório de autodefesa no SVR e que, muito provavelmente, Daniil não passava de um impostor com a missão de interrogá-la casualmente, de fazê-la deixar escapar alguma confidência, algum conluio com os espões estrangeiros, algum segredo de Estado passado adiante, alguma orgia desenfreada nos leitos de uma cabine de trem. Não importava que tipo de

transgressão eles estavam procurando. Os perdigueiros da contrainteligência não sabiam ao certo como definir traição, mas sabiam identificá-la assim que a viam.

Uma coisa era certa: nem de longe passou pela sua cabeça que fossem lhe ensinar alguma coisa sobre combate a curta distância. No primeiro dia, com raios de sol penetrando bravamente por entre a sujeira do telhado de vidro da estufa, Dominika ficou surpresa ao ver a aura azulada em torno da cabeça e das pontas dos dedos de Daniil, indicação de inteligência, de profundidade de alma. Ficou mais surpresa ainda quando ele começou a introduzi-la ao *Sistema Rukopachnogo Boia*, o método russo de combate corpo a corpo, medieval, brutal, herança da tradição cossaca do século X, repleto de conexões místicas com a Igreja Ortodoxa e geralmente ensinado apenas aos oficiais das Forças Armadas.

Ela vira o assassino das Spetsnaz usar as mesmas técnicas naquele violento embate no quarto de hotel em Atenas, mas não as havia reconhecido; simplesmente ficara horrorizada com sua sinistra eficácia. Daniil não a poupava de nada nos treinos, e não demorou para que ela se desse conta de algo: estava adorando exercitar o corpo outra vez, voltar à velha disciplina da sua tão adorada carreira de bailarina, a carreira que *eles* haviam roubado. As técnicas do *Sistema Boia* valorizavam sobretudo a flexibilidade, a rapidez e o conhecimento dos pontos vulneráveis do corpo. Enquanto demonstrava chaves articulares e golpes de submissão, Daniil, sempre com o rosto muito próximo ao de Dominika, viu algo nos olhos dela que achou por bem não estimular desnecessariamente.

Ao fim de duas semanas, Dominika já dominava técnicas que outros alunos decerto levavam meses para aprender. Nos primeiros dias, precisara cobrir a boca para não rir daquele jeito cômico de flexionar as pernas feito um macaco para enfrentar o adversário, ou do estranho giro dos ombros que precedia cada um dos golpes manuais. Mas agora ela já derrubava Daniil com a mesma frequência com que ele a derrubava. Certo dia, observando os músculos nas costas dele durante a demonstração de uma técnica nova sob a luz empoeirada do entardecer, cogitou quem poderia ser aquele homem. A julgar pelo jeito como se movimentava, poderia muito bem ter sido um bailarino ou um ginasta. Como teria chegado à brutalidade das artes marciais? Teria ingressado nas Spetsnaz? Faria parte de alguma unidade Vimpel? Ela já havia notado (com seus olhos de pardal, agente especialmente treinada nas artes da sedução) que o dedo anular de Daniil era bem maior que o indicador. Portanto, se acreditasse no que pregavam as bruxas verrugentas da Escola de Pardais, era bem provável que ele tivesse entre as pernas uma arma significativamente maior do que a média.

Estimar o tamanho dos dotes de um homem não era a única coisa que ela havia aprendido na Escola de Pardais, também conhecida como Escola Quatro, acade-

mia secreta em que especialistas ensinavam as agentes a usar o sexo como arma de espionagem. Ela ainda tinha na cabeça uma vívida lembrança das salas de aula e dos auditórios daquela velha mansão escondida entre os pinheiros de um bosque nas imediações da cidade de Kazan, às margens do rio Volga: ainda ouvia as longas e tediosas preleções sobre a sexualidade humana e o amor; ainda se lembrava dos filminhos vagabundos sobre todas as modalidades de coito e perversão. As listas de técnicas sexuais, numeradas para além das cem, memorizadas e praticadas à exaustão (nº 88, “Asas de borboleta”; nº 42, “Fio de pérolas”; nº 32, “Tachinha de carpete”), brotavam do nada em sua cabeça, bem como as lembranças daqueles dias morosos e das noites diabólicas: a água de rosas que borrifavam nos quartos para mascarar o cheiro almiscarado de sexo, as unhas sujas dos dedos que apertavam suas coxas, as gotas de suor que deslizavam de um nariz quase sempre carnudo para depois caírem em seu rosto. Ela havia suportado tudo aquilo como uma espécie de afronta aos *svini*, os porcos que pensavam que ela simplesmente se resignaria a deitar numa cama com as pernas abertas. Como estavam enganados! Pois era isso que Dominika agora pretendia mostrar a todos.

Calma, ela dizia a si mesma. Ainda estava sob o estresse de ter voltado ao serviço secreto russo e aos tentáculos da pátria-mãe; era muito cedo para dar início a uma existência incalculavelmente arriscada. Como se isso não bastasse, ainda havia a aflição de não saber se o homem que amava continuava vivo ou não. De qualquer modo, seu amor deveria permanecer em segredo, enterrado nas profundezas do seu ser, pois havia um pequeno detalhe: o objeto de sua afeição era nada menos que um operador da CIA americana.

Depois de duas semanas de treinamento, ela já havia estabelecido com Daniil uma relação de informalidade, e não demoraria muito para que ele comesse a fazer suas discretas sondagens. Ela teria de redobrar a atenção, guardar para si todo o seu arsenal de farpas e sarcasmos. Por outro lado, tratava-se de um bom momento para dar início ao processo de “desinformação”, deixando escapar aqui e ali alguma mentirinha para despistar os perdigueiros da segurança nacional, talvez até alguma coisa sobre a admiração que ela tinha pelo presidente Putin. Tudo o que dissesse a Daniil seria repassado direto para o FSB, depois para a central, onde as novas informações seriam juntadas às já colhidas durante a sabatina de boas-vindas. Em última análise, era o conteúdo desse dossiê que determinaria se ela manteria ou não o status de *operupolnomochenni*, ou agente operacional. Todo cuidado seria pouco.

Sim, mas aqueles cílios...



Dominika, de cabeça erguida sobre o pescoço comprido e elegante, afastou as cortinas de veludo vermelho e entrou na boate La Diva. Com ares de profissional, o leão de chácara a postos do outro lado aprovou o vestidinho preto que ela estava usando, depois olhou rapidamente para a bolsinha de mão em cetim preto, tão pequena que mal dava para guardar um batom e o mais fino dos celulares. Dando sua inspeção por terminada, ele escancarou a porta para que ela passasse. Mademoiselle estava desarmada.

Na realidade, a capitã Dominika Egorova estava muito bem protegida. A embalagem de batom era uma *elektricheskii pistolet*, uma pistola elétrica de tiro único, o mais recente lançamento dos laboratórios técnicos – Linha T – do SVR, uma versão moderna das sensacionais engenhocas produzidas durante a Guerra Fria, porém bem mais letal. Com precisão suficiente para uma distância de até 2 metros, o batom-pistola disparava um cartucho Makarov de 9mm com um núcleo de pó metálico comprimido que explodia diabolicamente no momento do contato. No disparo não se ouvia mais do que um solitário clique.

Dominika correu o olhar pela penumbra da boate, um salão amplo e semicircular equipado com mesas velhas no centro e uma série de sofás de couro sintético ao longo das paredes, todos já em avançado estado de uso. O palco era baixo e tinha uma antiquada fileira de lâmpadas nas bordas, ainda apagadas. Sobre ele não havia ninguém. Parvis Jamshidi ocupava um dos sofás mais centrais, olhando pensativamente para o teto. Dominika esquadrinhou o ambiente uma segunda vez, dando atenção especial aos cantos mais afastados. Não localizou nenhum contravigilante, nenhum segurança por perto. Mais tranquila, seguiu contornando as mesas na direção do seu alvo iraniano, ignorando solenemente o gordo que sinalizava de uma das mesas, talvez para pedir outra dose de *petit jaune*, talvez para convidá-la para uma rapidinha no Chat Noir, um pulgueiro no fim da rua.

Àquela altura ela já sentia correr nas veias a adrenalina da caçada. Calmamente se acomodou ao lado de Jamshidi no sofá e depositou a bolsinha sobre a mesa. O homem continuou olhando para o alto como se estivesse orando. Era baixo e magro, com um cavanhaque de duas pontas. Tinha os dedos, muito compridos e finos – dedos de El Greco –, cruzados à sua frente. Como de hábito, usava o terno cinza com uma camisa branca sem colarinho, abotoada até o pescoço. Naquele porte minúsculo e aparentemente frágil se escondia o cérebro privilegiado de um físico brilhante, um especialista em separação centrífuga, uma das principais figuras do programa iraniano de enriquecimento de urânio. Dominika não disse nada, ficou esperando que ele tomasse a iniciativa.

Assim que percebeu a presença dela, Jamshidi avaliou-a de cima a baixo: os braços finos, as mãos delicadas, as unhas de corte quadrado. Dominika o encarou

até que o homem parasse de olhar para o seu decote, ou, mais especificamente, para o que ele deixava entrever de seus branquíssimos seios, estriados de pequenas veias azuis.

– Quanto por uma hora? – perguntou ele, casualmente.

Falou em francês, com uma voz fanhosa.

As palavras saíram num tom leitoso de amarelo, o tom do engodo e da ganância. Dominika observou com satisfação que a luz negra da boate não havia afetado sua capacidade de ver e interpretar as cores insalubres do sujeito. Com serenidade, continuou a observá-lo.

– Não me ouviu? – disse Jamshidi, agora mais alto. – Fala francês ou é uma das putas de Kiev?

Novamente ele olhou para o teto, como se desse a conversa por encerrada.

Dominika olhou na mesma direção. Uma passarela de fibra de vidro pendia das vigas e, sobre ela, diretamente acima de Jamshidi, uma mulher dançava nua, apenas com os sapatos de salto agulha. Baixando o olhar para o ridículo cavanhaque do iraniano, Dominika disse em seu francês perfeito, sem nenhum sotaque:

– O que faz você pensar que eu sou da noite?

Jamshidi olhou para ela e riu. Foi nesse momento que ele deveria ter ouvido o farfalhar do capim alto, o bote de garras e presas que estava por vir.

– Perguntei quanto você cobra por hora – rebateu ele.

– Quinhentos – respondeu Dominika, afastando a franja do rosto.

Aproximando-se, Jamshidi sussurrou uma proposta obscena.

– Mais trezentos – disse Dominika, fitando-o por sobre as lentes quadradas dos óculos.

Sorriu para o homem, depois ajeitou a armação no nariz.

Como se previamente combinado, nesse momento as luzes do palco se acenderam e dez mulheres saíram das coxias usando nada mais que um par de botas de vinil preto e, na cabeça, uma viseira de aba branca. Spots de luz coloriam de rosa e amarelo os corpos nus enquanto eles faziam sua coreografia ao som ensurdecedor de algum sucesso recente do europop.



Jamshidi havia sido localizado inicialmente em Viena pelo representante russo na Agência Internacional de Energia Atômica, o qual logo notara a atração do iraniano pelas longas pernas das acompanhantes que costumavam frequentar os bares do centro da cidade. Sem hesitar, o russo passara a informação ao

*resident* local, para que ele a retransmitisse a seus superiores na sede do SVR, localizada no distrito de Yasenevo, em Moscou.

Na central, seguiu-se um acirrado debate para decidir se Jamshidi era ou não um alvo válido de recrutamento. Abordar um alto funcionário de um país aliado era pouco prudente, alegavam alguns. As velhas técnicas de chantagem e coerção seriam inócuas naquele caso específico, alegavam outros. O risco de um tiro no pé e danos severos às relações bilaterais era grande demais, diziam outros tantos. Apenas um, pensando em voz alta, chegou a estranhar a conveniência excessiva da oportunidade: talvez ela não passasse de uma provocação, de uma armadilha de desinformação plantada pelas agências ocidentais (CIA, Mossad, MI6) com o intuito de desacreditar Moscou.

Esse tipo de alvoroço não era incomum no SVR. As ações do serviço atual eram regidas sobretudo pelo medo que todos tinham do presidente da Federação (da implacabilidade daqueles olhos azuis, das represálias que eles podiam desencadear), do mesmo modo que, nos anos 1930, as ações do NKVD eram regidas pelo medo que todos tinham dos acessos de fúria de Stalin. Ninguém se dispunha a endossar uma operação imprudente e cometer a pior de todas as transgressões: colocar Vladimir Vladimirovitch Putin numa situação de constrangimento no cenário mundial.

Aleksei Zyuganov, chefe do Departamento de Contrainteligência do SVR (Linha KR), foi o primeiro entre muitos a declarar que o recrutamento de Jamshidi era arriscado demais, sobretudo porque a operação não seria comandada por ele. Mas foi o presidente, ele próprio um ex-agente da KGB (sua folha corrida, incluindo uma apática passagem pela Dresden comunista dos anos 1980, nunca era trazida à tona; *nunca*), quem pessoalmente anulou o veto medroso do SVR.

– Descubram o que o tal cientista sabe – ordenou Putin ao diretor-geral do SVR em Yasenevo, falando com ele por meio de uma das linhas telefônicas de alta frequência do Kremlin. – Quero saber até onde esses fanáticos iranianos já chegaram com seu urânio. Os israelenses e os americanos estão começando a perder a paciência. – Putin fez uma pausa, depois disse: – Convoquem Egorova. Entreguem o caso a ela.

Em geral, era um grande mérito que o presidente da Federação nomeasse um agente específico do SVR para liderar uma importante operação de recrutamento (o que por vezes acontecia a alguns dos queridinhos de Putin na KGB), mas Dominika não tinha a menor ilusão quanto ao motivo por trás da escolha dele. Ela sequer conhecia o presidente pessoalmente. “Trata-se de uma grande honra”, disse o diretor ao informá-la sobre as instruções do Kremlin. Bobagem. O que eles queriam mesmo era uma cortesã devidamente treinada pela Escola

de Pardais, alguém capaz de fisgar o iraniano pela cabeça de baixo. “Se é isso que vocês querem...”, ela pensou. “Depois não reclamem.”

Mas a convocação também tinha o seu lado bom. A desconfiança que a rondava cessou imediatamente, junto com todas as medidas de contrainteligência que o FSB havia providenciado para investigá-la. O Peugeot de janelas pretas já não montava guarda diante do prédio em que ela morava, na Kastanaevskaia Ulitsa; as sabatinas informais por parte dos agentes de contraespionagem foram diminuindo aos poucos; os treinos com o sorridente Daniil foram cancelados de uma hora para outra. Sem dúvida as ordens impacientes de Putin haviam atropelado o processo, mas ela agora estava de fato segura. Era uma ironia deliciosa que o presidente tivesse pessoalmente colocado uma raposa dentro do próprio galinheiro. Mas o prazer da constatação logo deu lugar a uma pontada de revolta.

Depois disso as coisas se sucederam muito rapidamente, inclusive sua designação para a Linha KR, a equipe de contrainteligência do SVR. Aleksei Zyuganov convocou-a a sua sala e sem nenhuma emoção informou que, por instruções recebidas do quarto andar, a operação contra Parvis Jamshidi seria comandada a partir da Linha KR. A expressão no seu rosto era azeda; o tom de voz, arrogante; o olhar, evasivo. E bastou um rápido momento de descuido para que, por trás da fachada de prepotência, Dominika percebesse nos olhos dele uma discreta centelha de paranoia. Uma nuvem negra parecia cercá-lo enquanto ele falava. No seu tom monocórdio, ele seguiu dizendo que todos os recursos do seu departamento seriam usados para garantir que não houvesse nenhum furo nos planos dela. Erros não seriam tolerados de forma alguma. Atrás de Dominika, recostado à porta, o imediato do homem acompanhava a conversa em silêncio. Chamava-se Yevgeny. Tão grandalhão e carrancudo quanto um diácono ortodoxo, aparentava 30 e poucos anos e tinha todos os pelos muito pretos, desde a maçaroca dos cabelos até as sobrancelhas enormes e a pelagem de orangotango nos antebraços. De onde estava, podia muito bem conferir os contornos da bunda de Dominika sob o tecido leve da saia.

A verdade era que o peçonhento e diminuto Zyuganov (ele tinha pouco mais de 1,5 metro) estava furioso por ter sido publicamente contrariado na questão do recrutamento do iraniano. Como se isso não bastasse, o caso havia sido entregue a Dominika Egorova, não a ele. E, para deixar tudo ainda pior, sua subordinada, uma reles capitã, havia sido nomeada diretamente pelo presidente da Federação Russa.

Do alto de sua superioridade imaginária, Zyuganov avaliou a *chliukha* que tinha à sua frente, a prostituta profissional que agora fazia parte da sua equipe. Tratava-se de uma das poucas mulheres nos quadros operacionais do serviço, mas com uma reputação e um pedigree exemplares. Ele já tinha ouvido as histórias e lido os relatórios de circulação restrita. Entre outras façanhas de sua incipiente

carreira, Dominika Egorova havia descoberto a informação que levava à prisão de um dos maiores informantes do SVR (o veteraníssimo tenente-general Vladimir Korchnoi, um traidor que passara *uma década e meia* a serviço dos americanos), dando fim a uma caçada que já se arrastava por muitos anos. Ele próprio havia comandado parte das operações para desmascarar Korchnoi e não conseguira nem metade do sucesso alcançado pela vagabunda. Depois disso ela fora capturada pela CIA, passara um tempo sob a garra dos americanos, voltara triunfante para Yasenevo, fora promovida a capitã e agora, terminantemente, encaminhada para a Linha KR a fim de trabalhar num caso no nível da diretoria. Ele, que havia começado sua própria carreira na extinta KGB como interrogador nos porões de Lubyanka, não poderia se opor à nomeação da garota.

Dispensada por Zyuganov, Dominika precisou se espremer para passar pela porta ainda ocupada pelo brutamontes Yevgeny, que não se deu o trabalho de abrir caminho.

A operação contra o iraniano era importante demais para ser boicotada, mas os instintos adquiridos em Lubyanka já mostravam a Zyuganov um caminho diferente. Ao tirar a capitã Egorova do jogo, ele assumiria o controle e granjearia para si todos os louros do recrutamento de Jamshidi. Recostando-se na cadeira, ambos os pés balançando no ar, olhou para o sobranceiro Yevgeny e deu asas à imaginação. *Vilami na vode pisano*. O futuro era escrito em água corrente com os dentes de um ancinho. Ninguém era capaz de prevê-lo.



Saindo da boate, Dominika pegou a mão suarenta de Jamshidi e o conduziu adiante, atravessando rapidamente a Place Blanche para depois descer parte de uma ladeira até o Hotel Belgique, com seu toldo de listras azuis acima da porta de entrada. O recepcionista, um brutamontes de braços enormes usando uma camiseta imunda, visivelmente entediado, arremessou a chave do quarto junto com uma toalha na direção de Dominika.

O espaço entre a porta e a cama de ferro não passava de um metro. Dominika e Jamshidi precisaram se espremer para contornar a cômoda rachada. Do outro lado de uma divisória ficava a privada, tão encardida e manchada quanto o espelho acima da cama, que pendia de uma corda de veludo perigosamente puída. Jamshidi foi se aliviar na privada.

– Tire a roupa – disse ele por sobre o ombro, emporcalhando o vaso sem nenhum pudor.

Dominika sentou-se de pernas cruzadas na cama, balançando impaciente-

mente um dos pés. Por cinco copeques encostaria seu batom na testa do iraniano e reduziria a pó o cérebro dele, por mais brilhante que fosse.

– Está esperando o quê? Tire a roupa e deite de bruços – ordenou Jamshidi, despindo o paletó e pendurando-o num prego cravado na porta. – Não se preocupe, tenho o seu dinheiro. Depois você manda pra sua mamãe lá em Kiev. Quero dizer, se ela não estiver trabalhando no quarto ao lado.

Dominika riu e disse:

– Boa noite, Dr. Jamshidi. Para sua informação, não sou da Ucrânia.

Ao ouvir seu nome, Jamshidi imediatamente se virou para encará-la. Não era difícil para um cientista nuclear iraniano farejar o perigo quando sabia perfeitamente que estava infringindo a charia islâmica numa farra clandestina em Montmartre. Não perguntou de onde ela o conhecia.

– Não interessa de onde você é.

“Tão estudado e tão grosso”, pensou Dominika.

– Preciso de alguns minutos da sua atenção – disse ela. – Posso garantir que é do seu interesse.

Jamshidi olhou-a de cima a baixo, perguntando-se quem seria aquela vagabunda com sorriso de Mona Lisa.

– Já disse pra você tirar a roupa – insistiu, e deu um passo na direção dela, mesmo sem saber direito o que estava acontecendo.

O desejo dele começava a se esvaír feito areia em uma ampulheta quebrada. Tomando Dominika pelo pulso, obrigou-a a ficar de pé. Cara a cara com ela, inalou as notas discretas do perfume Vent Vert, avaliou os olhos que se escondiam do outro lado dos óculos.

– *À poil* – disse ele.

Apertou o pulso dela e novamente estudou o rosto para ver se lia nele alguma informação. Nada.

Sem tirar os olhos do iraniano, usando a unha do polegar livre, Dominika pressionou o espaço entre os dois primeiros nós dos dedos que a apertavam. Jamshidi deu um grunhido de dor e se afastou imediatamente.

– Só alguns minutos – falou ela, agora com certa autoridade na voz, apenas para situá-lo melhor.

Falou como se não tivesse feito nada, muito menos lesionado o nervo mediano da mão de Jamshidi.

– Quem é você? – perguntou ele. – O que quer?

Dominika pousou a mão no braço dele numa acintosa provocação aos costumes islâmicos. Isso sem dúvida não constituía nenhum problema para aquele persa de educação europeia, aquele filho da puta com uma queda especial por ruivas.

– Quero propor um acordo vantajoso para ambos.

Boa coisa aquilo não podia ser. Com um gesto brusco, Jamshidi se desvencilhou da mão dela e se virou para ir embora. No entanto, antes que alcançasse a porta, foi detido por Dominika, que se interpôs rapidamente no seu caminho. Plantando a mão no peito dela, ele tentou empurrá-la para o lado, mas fracassou outra vez. Com calma, quase carinhosamente, Dominika o imobilizou com uma chave de braço e o empurrou para a cama, fazendo com que ele caísse de bruços sobre a colcha.

– Não vamos sair daqui até que você me ouça – disse ela, soltando-o.

Jamshidi sentou-se na cama com os olhos arregalados. Àquela altura já havia ligado os pontos.

– Você é da inteligência francesa? – perguntou, esfregando o pulso machucado. Na ausência de uma resposta, tentou novamente: – CIA? MI6? – Silêncio. Com um calafrio, ele cogitou a pior de todas as hipóteses: – Mossad?

Dominika riu.

– Então... quem é você?

– Somos aliados, amigos. Os únicos que apoiam o Irã nesta onda global de retaliações, sanções e ameaças militares. Mais especificamente, apoiamos o seu trabalho, Dr. Jamshidi. Em todos os aspectos.

– Moscou? – disse Jamshidi, rindo entre dentes. – KGB?

– A KGB não existe mais, doutor. Agora somos o SVR. *Sluzba Venechnei Razvedki*.

Jamshidi respirou aliviado. Aparentemente estava livre dos sionistas, que Alá fosse louvado.

– E o que querem comigo? Que história é essa de acordo? – disse ele, novamente seguro, um amarelo mais forte na aura.

“Mula”, pensou Dominika.

– Moscou quer a sua consultoria. Quer manter-se informada sobre o seu programa. Quer os seus conselhos de especialista – respondeu ela, já se preparando para a indignação por vir.

– Consultoria? Conselhos? Vocês querem que eu espione meu próprio país, meu próprio programa? Que coloque em risco a segurança iraniana?

Jamshidi, a virtude em forma de pessoa. Jamshidi, o patriota.

– Não há risco nenhum para a segurança iraniana – garantiu Dominika, serena. – Pelo contrário. Quanto mais informados estivermos, mais seremos capazes de *proteger* seu país dos inimigos.

Jamshidi riu com sarcasmo.

– Você só pode estar brincando. Agora saia da minha frente. Não quero ouvir mais nada.

Dominika permaneceu onde estava.

– Falei que o nosso acordo seria vantajoso para ambas as partes, doutor. Tem certeza de que não quer ouvir mais nada?

Jamshidi riu de novo, mas ficou mudo.

– Você mora e trabalha em Viena, é filiado à IAEA – disse ela, referindo-se à Agência Internacional de Energia Atômica. – Viaja frequentemente para Teerã. É o maior especialista do seu país em separação centrífuga de isótopos e há muitos anos está no comando da montagem de cascatas de centrífugas na Usina de Enriquecimento de Combustível Nuclear em Natanz. Correto?

Jamshidi não respondeu. Continuou olhando para ela ao massagear a mão.

– Carreira brilhante. Sucesso contínuo no seu programa. Admirado e protegido pelo líder supremo do seu país. Aliados no Conselho de Segurança. Mulher e filhos em Teerã. No entanto... na condição de um homem de muitas necessidades, que conquistou o direito de fazer o que bem entende, andou angariando amizades por aí. Tanto em Viena quanto nas escapadas de fim de semana, clandestinas e ilícitas, a Paris. Gosta de mulheres bonitas, e elas gostam de você.

– Que *Shaitan* te carregue – rosnou Jamshidi. – Tudo isso é mentira.

– Acho que suas amiguinhas ficariam decepcionadas se soubessem que você não assume a relação com elas. – Dominika pegou sua bolsa de volta, tirou o celular e o ergueu displicentemente, dizendo: – Sobre tudo a sua amiga Udranka, que mora num apartamento na Langobardenstrasse de Viena, pertinho da IAEA. O senhor sabe onde é.

– Russos filhos da puta...

– Por sorte sua amiga não é russa. Udranka é sérvia, de Belgrado. Uma moça bem ingênua, diga-se de passagem. Você não sai de perto dela.

– Mentira – disparou Jamshidi. – Vocês não têm prova de nada.

Dominika localizou um vídeo no celular e virou o aparelho para que ele pudesse ver.

– Sua última visita, no dia 23 de agosto. Você comprou uma caixa de bombons Sissi-Kugeln e uma garrafa de vinho Nussberg. Ela grelhou alguns filés. Você a sodomizou às 21h45 e foi embora quinze minutos depois – disse Dominika, e arremessou o telefone na cama observando o efeito do vídeo sobre o iraniano. – Pode guardar de lembrança, se quiser.

Jamshidi olhou novamente para o aparelho, depois o empurrou para longe.

– Não – disse ele.

Não precisava ouvir de Dominika as ameaças que pairavam no ar. Sabia perfeitamente que seria executado caso os mulás ficassem sabendo das suas pequenas perversões, do mau uso que vinha fazendo dos recursos públicos iranianos, mas sobretudo da sua *estupidez* ao se deixar chantagear.

– Não – repetiu.

Pouco se via da sua aura naquele momento.

“*Ranche siadiech, ranche vidiech*”, pensou Dominika. Quanto antes a entrada, antes a saída. O que ela via à sua frente era um besouro preso em uma caixa de fósforos. Não havia nada que o iraniano pudesse fazer. Sentando-se ao lado dele e procurando mascarar o próprio nojo, ela foi passando as instruções com firmeza, sem dar espaço para reclamações ou falsas defesas: eles se encontrariam discretamente, ele responderia às perguntas dela, seria remunerado pelas “despesas efetuadas”, receberia a proteção do SVR e, se tudo corresse bem, poderia continuar saciando suas vontades com Udranka. Dali a sete dias eles voltariam a se encontrar em Viena, no apartamento da sérvia. Ele deveria ficar disponível pelo tempo que fosse necessário. Em seguida Dominika perguntou se o arranjo era conveniente para ele, mas levantou-se antes que Jamshidi pudesse responder. Sabia que ele estava de mãos atadas. Foi até a porta, abriu uma fresta e se virou para o iraniano, pequeno e mudo sobre a colcha imunda da cama.

– Vou cuidar de você, doutor, de tudo que precisar. Então, vem comigo?

Eles saíram para o corredor e foram descendo para a recepção, alheios ao rangido dos degraus, ao estado deplorável do papel de parede. Vendo-os ao pé da escada, o brutamontes saiu de detrás do balcão e se postou à frente deles com os braços cruzados no peito.

– Cinquenta euros – disse. – Comissão da casa.

Uma névoa marrom pairava em torno da cabeça dele: crueldade, violência, estupidez. Sem entender direito o que tinha ouvido, Jamshidi tentou seguir adiante, mas o homem o empurrou contra a parede e pressionou contra o pescoço dele o antebraço grosso como uma tora, imobilizando o iraniano. Com a mão livre, sacou uma navalha e, olhando para Dominika, falou:

– Agora são cem euros. Imposto sobre putaria.

Na situação em que estava, Jamshidi nada pôde fazer senão ficar olhando quando Dominika desceu o último degrau e se aproximou.

Ela estava irritada com tudo aquilo. Não gostava de interrupções, de interferências externas, mas não deixou que isso lhe desviasse o foco. Estava com os sentidos especialmente aguçados. Via o brutamontes com a mais perfeita nitidez, podia sentir o cheiro animal que atravessava a camisa. Sem hesitar, deu um passo à frente e pousou a mão sobre os cabelos enebados na nuca do homem, sustentando calmamente a cabeça dele enquanto pressionava o polegar livre contra a articulação dos maxilares, simultaneamente para dentro e para cima, com toda a força.

Segundos depois, ouviu o estalo que queria na junta temporomandibular do sujeito, que urrou de dor antes de largar a navalha no chão. Em seguida, Domi-

nika puxou-o violentamente pelos cabelos nojentos, e foi nesse instante que lhe ocorreu um inusitado pensamento: o que diria seu *big brother* Gable, o operador da CIA a quem ela estava subordinada, se pudesse vê-la naquele estado de fúria? O que diriam todos os seus amigos americanos se estivessem ali para vê-la em ação? Precisou se concentrar para terminar o serviço com mais um golpe rápido e certo, dessa vez um tapão com a mão espalmada na garganta do brutamontes, que grunhiu e cambaleou para trás até desabar no chão e bater a cabeça contra o gesso da parede. Ele não se levantou mais.

Dominika recolheu a navalha caída e precisou conter o impulso de usá-la para abrir um talho fatal na garganta do gigante inconsciente. Jamshidi havia escorregado para o chão, ofegando de pavor. Ela se agachou ao lado dele e o vestido subiu o bastante para deixar à mostra a renda preta da lingerie, mas Jamshidi não conseguia olhar para outra coisa que não fosse o rosto luminoso dela, a mecha que caía sensualmente sobre um dos olhos.

Ligeiramente sem fôlego, Dominika endireitou os óculos e disse baixinho:

– Falei que protegemos nossos amigos, não falei? O senhor poderá contar sempre com a minha proteção. Agora é meu agente.

#### ESPETO DE PORCO

Marinar tirinhas de carne de porco numa pasta espessa de óleo de gergelim, cardamomo, cúrcuma, alho amassado, caldo de peixe, açúcar mascavo e suco de limão. Grelhar sobre brasa quente até deixar a carne caramelizada e crocante.

## CAPÍTULO 2

ÀS TRÊS DA MADRUGADA, O quarto distrito de Paris estava escuro e silencioso. Dominika atravessava o labirinto de ruelas do Marais para voltar a seu hotel na Place Sainte-Catherine. Os sapatos começavam a incomodar, mas numa cidade com tantos cachorros não havia como andar descalça na rua. *Tant pis*. Paciência.

Após digitar sua mensagem codificada para Zyuganov, ela fez uma rápida avaliação dos últimos acontecimentos. À porta da espelunca de Pigalle, o físico Jamshidi assentira apenas vagamente ao ser lembrado do encontro marcado para dali a uma semana em Viena, depois seguira seu caminho com passos

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

